

# 14.

## A COLABORAÇÃO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Do ponto de vista das Ciências Sociais, por conta da manutenção das amarras que atam os membros dos grupos sociais, fica evidenciado que as dogmáticas concepções filosóficas de classificação, que empregamos para compreensão das coisas criadas como fixas ou imutáveis, são equivocadas. Os cientistas sociais desafiam a defesa desse pensamento conservador da filosofia tradicional, segundo o qual os objetos são identificados ou classificados somente em suas substâncias mais profundas e especulativas. Os cientistas sociais sabem que a consequência teórica da operação mental que os filósofos idealistas empregam é a compreensão de que a essência fundamental das coisas criadas pelos homens é não poderem ser sujeitos do conhecimento, mas passivas de serem conhecidas.

A característica móvel ou dinâmica das relações sociais torna manifesto que a pretendida independência das situações concretas ou materiais das coisas entendidas em si mesmas e para sempre é enganosa, pois os sentidos ou significados das coisas do mundo são dinâmicos, tal como a própria sociedade, e mais, podem conferir aos objetos que tomamos para estudo um feitio, uma configuração muito distante daquilo que realmente são. Ora, arte não pode ser discutida apenas por artistas e saber o que é o design não é uma questão apenas para designers.

O pensamento calcado nas Ciências Sociais destaca o estudo dos objetos da cultura material como algo que sofre ou recebe ações ou impressões externas e, portanto, caracteriza-os como dinâmicos. Esse

tipo de análise comprova que a concepção independente e fixa é equivocada, posto que inadequada para definirmos o que é um valor. Empregando o pensamento filosófico, o objeto que estamos desejando estudar acaba perdendo definição e obtém equivalência entre as outras coisas criadas e os outros conceitos conhecidos e aplicáveis. Por intermédio dessa forma passadista de pensar, definimos as coisas do mundo por operações mentais (espirituais) ou apenas no pensamento (*res cogito*), especulações abstratas que jamais descem para a terra, para a dinâmica da vida, do mundo dos homens e das mulheres. Assim, o objeto fabricado é rebaixado à trivial posição de projeção do intelecto do sujeito, este sim capaz de produzir conhecimento, posto que o objeto não possuiria sua verdade na sua configuração e engendraria a sua opacidade. Por outro lado, perdem-se aqueles que buscam encontrar um estatuto epistemológico para as coisas do mundo, criadas ou não, na sua função ou serventia, visando uma solução das necessidades humanas. Ora ela é estética, ora é para o trabalho, ora é para a política, ora é para o lazer, e assim até o infinito.

Com efeito, as Ciências Sociais estabeleceram que o verdadeiro estatuto epistemológico das coisas criadas artificialmente pelos homens, entre as quais se encontra o objeto de design, não se encontra nelas enquanto entidades físicas isoladas, nem tampouco como expressão do espírito (faculdades intelectuais) ou do sujeito que as observa empiricamente. São as relações sociais humanas, os homens com as suas escolhas teóricas para observação e interpretação, que lhes dão existência e significação. Não há, portanto, apenas as coisas criadas concretas tal como muitos acreditam, ou se desejarmos, não existe a obra de arte ou objeto de design isolados em si mesmos ou puros, do mesmo modo que não há uma essência fundamental para eles, como também não existe uma disciplina ou domínio específico para o seu entendimento. Sua verdade ou sua razão de ser é definida pelo estudo crítico das estruturas sociais ou das relações sociais que procuram lhe definir.